

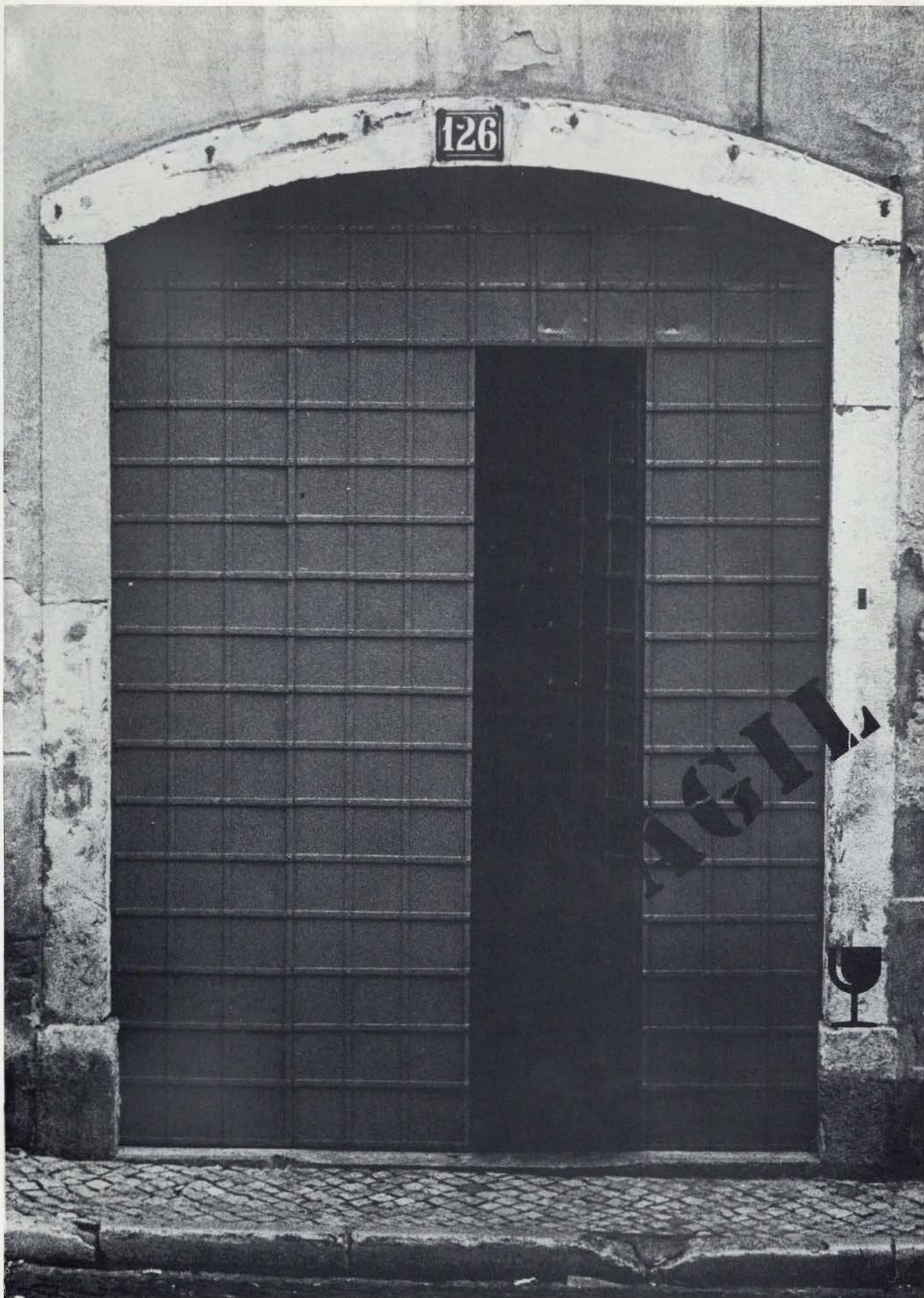
DEPOSITO LEGAL
- 0. NOV. 1982

1107

destaque



NOVEMBRE 1982 / 100 ESC.



RUA DA ATALAIA

LISBOA

36 95 78

DESTAQUE JORNAL

Começar foi antes uma ousadia. Em todos os sentidos. Mas primeiro foi uma brincadeira. A sério, é querer fazer e fazer sem qualquer facilidade.

Começou assim e agora, aqui estamos. Apresentados. E a ousadia vai continuar. Porque temos propostas para apresentar, porque queremos o futuro agora.

Destaque pretende ser um espaço catalizador de energias. Sobre-tudo daquelas energias geradoras de curiosidade e surpresa, de entusiasmo e iniciativa, de alegria.

Este jornal que agora surge quer mais. Quer estabelecer uma corrente verdadeiramente dinâmica entre quem o faz e quem o lê (usa). Fazer circular e renovar interesses. Descobrir escolhas e tendências. Tentar. Não se trata de criar um espaço de evasão mas antes, de invasão. E será um espaço tão amplo quanto o quiserem, exigirem. Todos.

Pensámos este jornal para algumas pessoas e para alguns acontecimentos. Limitado portanto. Mas as margens não lhe foram impostas, foram escolhidas.

Queremos que *Destaque* seja um jornal de pessoas, por isso ele viverá de entrevistas. Queremos que seja de acontecimentos, e por isso, terá os textos necessários, e na proporção do seu interesse.

Nós queremos que gostem de o ler, mas também queremos que gostem de o ver. Por isso apostámos forte numa grande exigência gráfica. Queremos mesmo inovar. Até em termos da publicidade pretendemos abrir algumas portas. Gostaríamos que cada anúncio fosse uma "obra" nova. Mas nem sempre, neste domínio, seremos correspondidos ou até compreendidos. A publicidade é muitas vezes assunto complicado, porque troca, em grande parte dos casos, meramente comercial. Não deixaremos no entanto, de exigir. E exigiremos mais porque temos a noção real da importância que os anúncios representam, para podermos continuar.

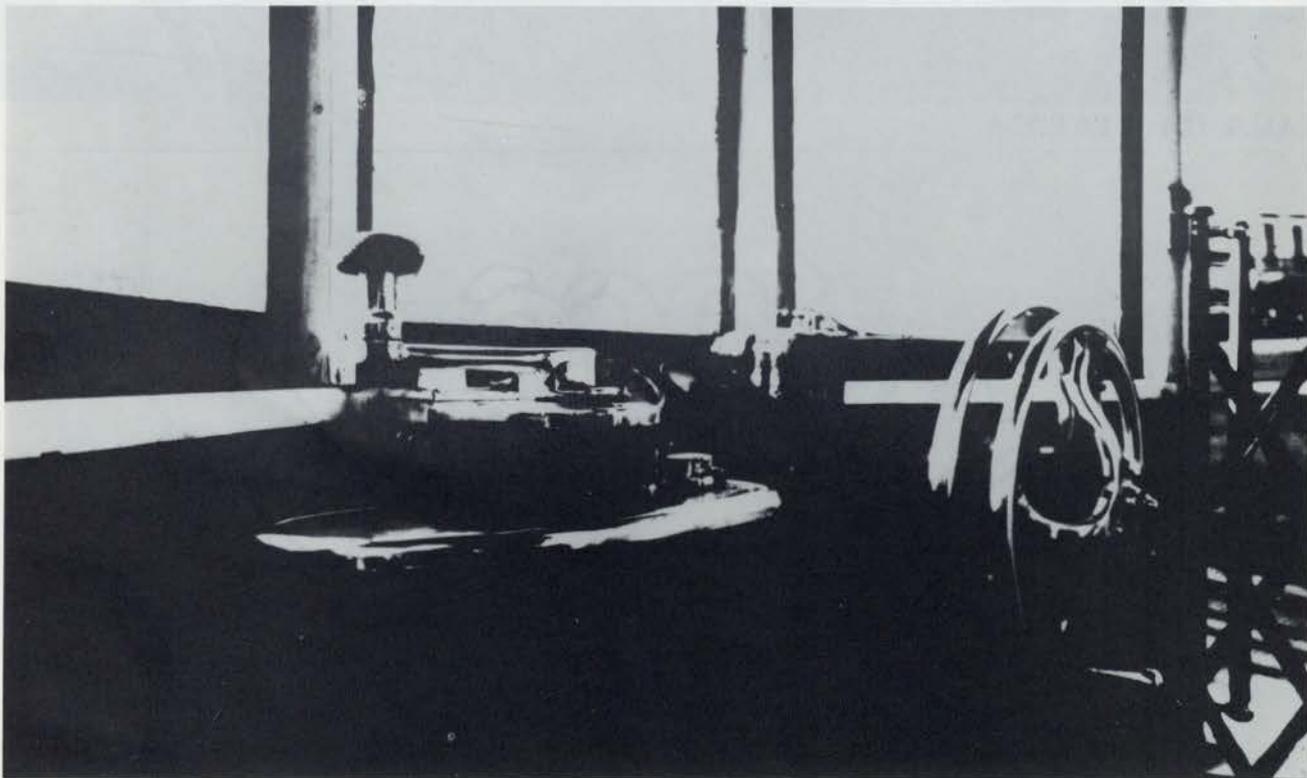
Destaque é ainda diferente porque a sua venda é feita em locais escolhidos. Tentaremos que ele se encontre nos sítios frequentados pelo público que nos interessa conquistar.

A presente edição nem sempre corresponderá a estas propostas, pressupostos e exigências. Mas é o primeiro número, a tentativa inicial. E não foi fácil em nenhum sentido.

Como é o primeiro jornal é pequeno. Em tiragem e em número de páginas. Vamos aumentá-lo já em Dezembro.

Dizemos isto assim.

É que, acreditamos em tudo o que queremos, em tudo o que o *Destaque* é, e no que virá a ser. Já agora...



NUNO VIEIRA DE ALMEIDA

HELENA ALMEIDA

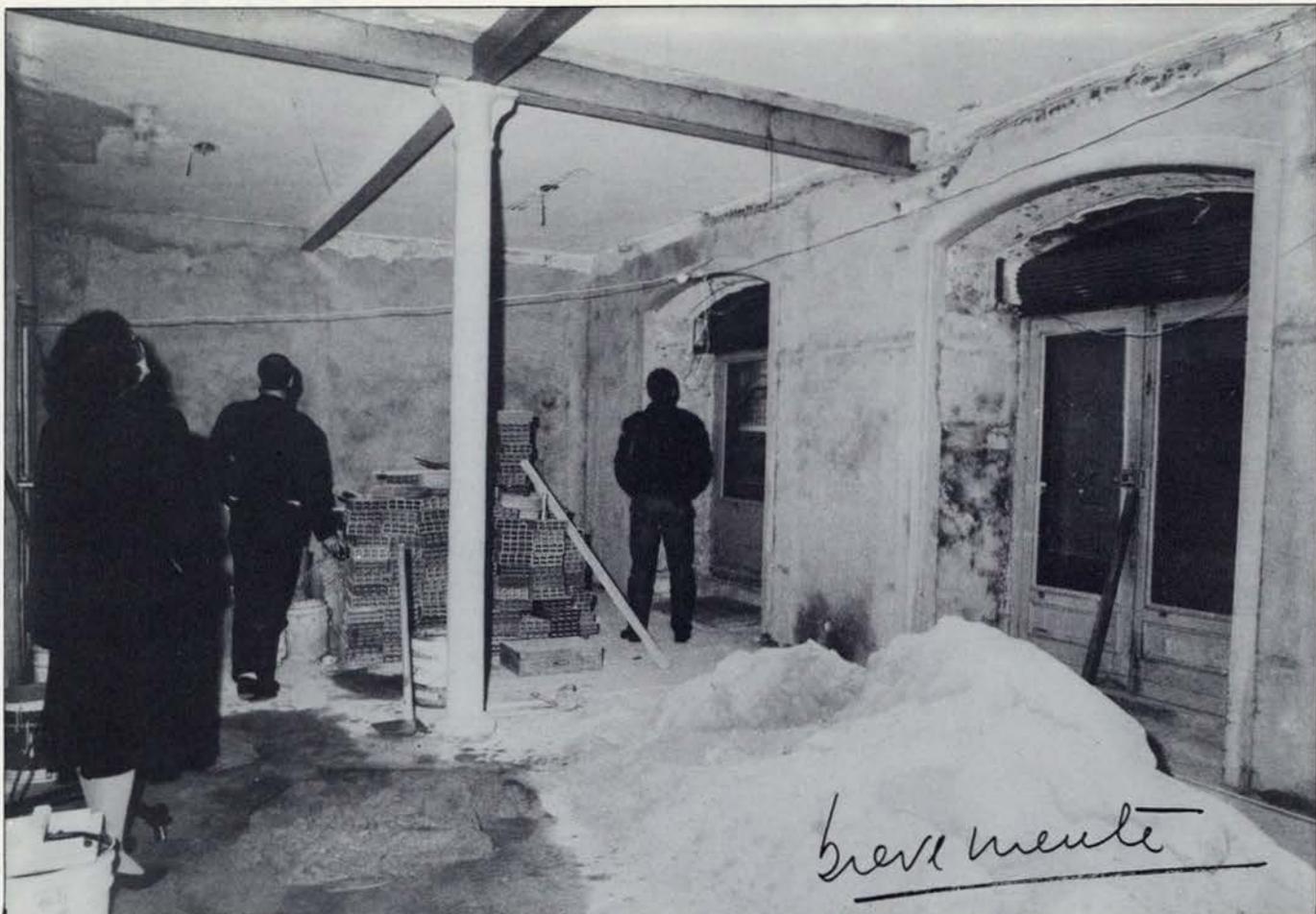
MARIA MANUELA GONÇALVES

ARTE & ETC.

SEXTO SENTIDO

Capa: Maria Manuela Gonçalves

Fotografada por Mônica Freitas

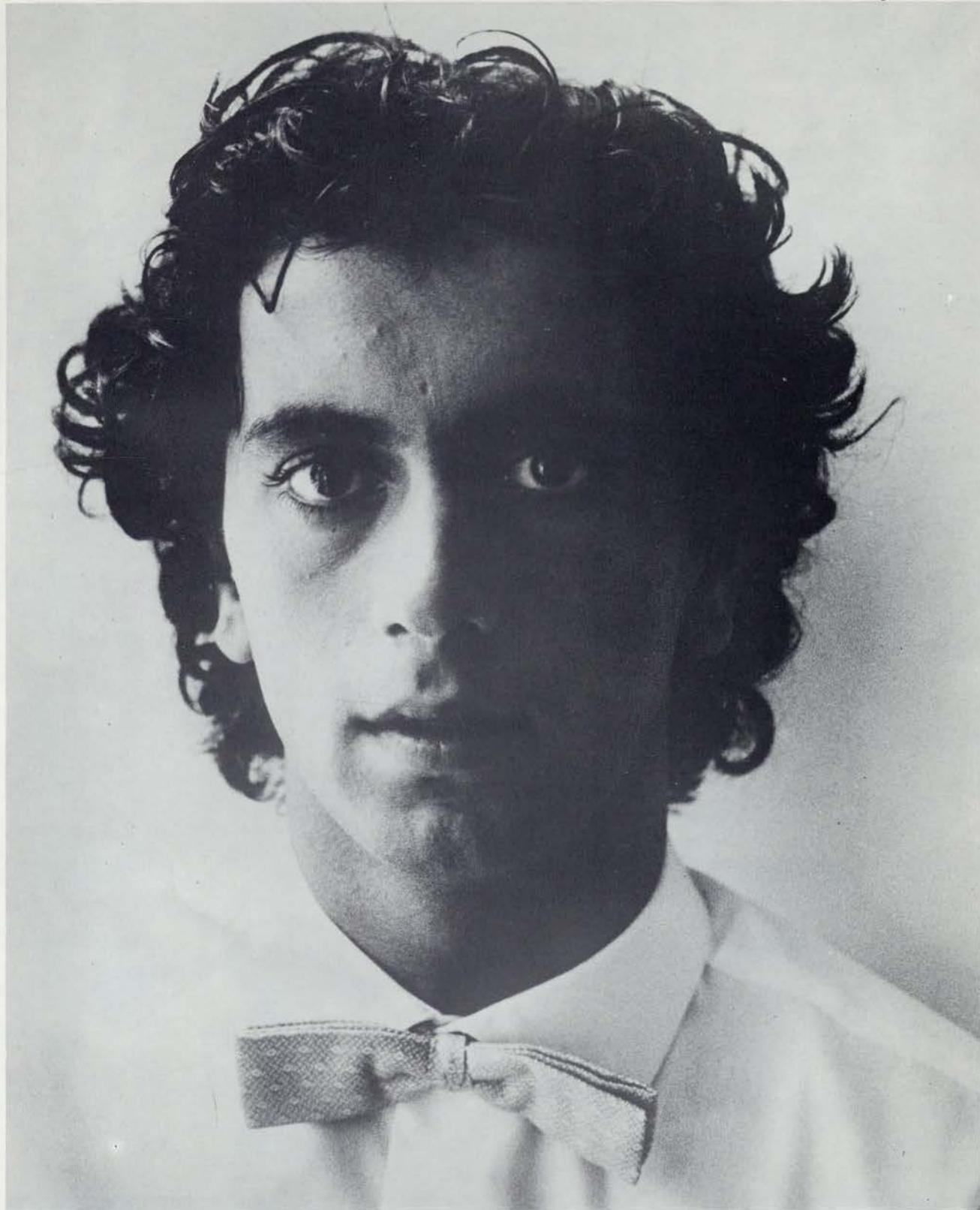


LOJA DA ATALAIA

Pap'acorda

RESTAURANTE

R. da Atalaia, 57-59 (ao Bairro Alto)
1200 LISBOA Tel.: 36 48 11



Nuno Miguel Marvão Vieira de Almeida. Pianista.
Nasceu em Lisboa. 23 anos (Peixes / Gémeos). Solteiro.
Olhos e cabelos castanhos. 1,75 m de altura.
Depois de terminado o curso superior de piano
do Conservatório Nacional começaram os concertos. Teatro
Municipal de S. Luiz, Radiodifusão Portuguesa, RTP,
Casa da Comédia, Roller Bar, Frágil, Fundação Calouste
Gulbenkian e Anglo Portuguese Society (Londres).
Projectos: estudar piano em Viena e chegar à direcção
de orquestra.

NUNO VIEIRA DE ALMEIDA

EYE FLIGHT

MARY QUANT



MARY QUANT COSMETICS



HELENA ALMEIDA



- *Três coisas que quer fazer e nunca fez.*
- Não sei... De uma forma geral tudo o que quero fazer tenho feito.
- *O que é um dia normal?*
- É um dia em que trabalho, ando a pé e durmo bem.
- *Acredita no talento ou na sorte?*
- Nas duas. Talvez mais no talento. E na sorte, no sentido da oportunidade, portanto vai dar ao talento.
- *Qual é a sua filosofia de vida?*
- Que coisa horrível!!!! Não me pergunte isso!
- *Quanto tempo trabalha por dia e qual é a sua hora preferida?*
- O dia todo menos à noite. Meio-dia.
- *O que é a decadência?*
- A falta de curiosidade. O não querer fazer experiências novas.
- *Tem um lema?*
- Não tenho.
- *Um vício?*
- O cigarro.
- *Precisa de falar do trabalho que está a fazer?*
- Não. Só com o Artur porque ele é que fotografa. Só consigo falar depois dele estar feito.
- *Defina prazer.*
- É o cheiro, o sabor, os sentidos...
- *O que é que colecciona?*
- Nada. É verdade..., só agora é que dei por isso!
- *Acredita em profetas?*
- Não.
- *FÉ, ESPERANÇA e CARIDADE.*
- Não gosto de nenhuma delas!
- *Diga uma situação incómoda.*
- Quando me pedem uma explicação estúpida sobre o trabalho, o que me obriga a dar uma resposta menos simpática para a pessoa perceber e parar de vez.
- *Qual é o seu prato preferido?*
- Tantos! Eu gosto de comer! Talvez tudo o que leve coentros.
- *O animal que mais a fascina.*
- O cão.
- *Uma cor, um som, um País.*
- Verde, violoncelo, China.

- *Como viveu os anos 60?*
- Estive com uma bolsa em Paris, acabei o curso e fiz a 1.ª exposição (Lisboa). Foi uma década muito decisiva. Tive os meus filhos.
- *Livros, Música, Pintura. Três nomes.*
- THOMAS MANN, BEETHOVEN, DUCHAMP.
- *O que faz para se descontrair?*
- Ando a pé, ou ponho música ou converso.
- *Acredita nos astros?*
- Não.
- *Como ocupa as noites de insónia?*
- Não tenho.
- *Tem um ídolo?*
- Não.
- *Sabe cantar o Hino Nacional?*
- Sei.
- *Que drogas toma?*
- Nenhumas. Ah! sim, café, tabaco.
- *Diga uma palavra mágica.*
- Férias.
- *É supersticiosa?*
- Não.
- *Qual é o objecto que lhe é essencial?*
- São vários. Eu sou um pouco complicada. O estirador, canetas, todo o material que tenho no atelier. A minha roupa. A minha casa.
- *O que faria com o tronco de uma árvore?*
- Deixava-o estar. Ele é tão bonito! Nem lhe mexia.
- *Qual é o seu adjectivo preferido?*
- Bom.
- *O que é que a faz ficar zangada?*
- Injustiças.
- *Tem medo de envelhecer?*
- Não. Tenho medo é de adoecer.

Helena Almeida, 47 anos, pintora. Projectos: Dia 25 de Novembro, exposição na Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa).

MARIA MANUELA GONÇALVES

(ou a moda fora dos figurinos)

por Conceição Lobo

São verdadeiramente formais os primeiros momentos da conversa. Perguntas e respostas como chaves apanhadas no caminho. Dizer para conhecer. Maria Manuela Gonçalves, 36 anos. Nasceu em Bragança. Recordar a infância feliz, os anos passados no liceu. As bonecas e "gostar de mexer nos trapos". Foi sempre assim e de tal forma que "nunca escolhi a roupa pelos figurinos". Mas nada se adivinhava então.

Chega o tempo da cidade-capital. Lisboa das Belas Artes.

O curso de pintura o passeio do Chiado os encontros na leitaria. Leitaria com saudades recentes. Muitas.

Um pouco de repente acontece a bolsa para Londres: "fashion design". Decisivo. Um ano que marca.

Agora — outro-tempo — estamos na Loja Branca, no princípio do Outono, no começo da conversa.

Diluem-se os primeiros desenhos da memória porque são mais fortes aqui os traços das palavras. Tomo apontamentos e no meio dos papéis perde-se o modelo, o vestido que a Maria Manuela esteve a desenhar. Exclusivamente.

CL: *E como foi em Londres?*

MMG: Em Londres foi a escola, muito boa. Não se tratou apenas de aprender uma técnica, e isso foi muito importante, mas de estar em contacto com processos verdadeiramente criativos. Aprender a fazer moda de uma forma sistematizada teve para mim grande importância. Foi uma experiência conseguida para uma pessoa como eu que só tinha gosto pela roupa. Como era preciso saber a técnica, aconteceu. Depois em Lisboa dei os primeiros passos na profissão. Posso dizer que foram experiências de trabalhos com valor mas sem grandes resultados práticos. Isto é, não consegui definir nada nessa altura.

CL: *E o que é que se seguiu?*

MMG: Foi um pouco o acaso. Na Romeira apareceu uma loja pequenina. Decidi ficar com ela. O resto foi fácil. Isto era Dezembro de 1976. Começou assim a minha primeira loja, chamava-se Carmim. Nessa altura trabalhava em conjunto com o meu irmão (Carlos Gonçalves) e fazíamos tudo. Como era muito difícil conseguir quem executasse os modelos nós os dois tratávamos de tudo. Além do desenho dos modelos, tivemos ocasiões em que foi necessário tratar de tudo. Além do desenho dos modelos, talhávamos e cosíamos à máquina. Passávamos noites inteiras assim. Depois de tudo pronto entrava na loja.

TR: (Intervenção da Teresa Rodó que assiste à entrevista) *Loja? Aquilo lá na Romeira não era sequer uma loja, era uma espécie de armário. Mas venderam tudo de um momento para o outro, tudo. Foi de tal maneira que tiveram de fechar. Era o Natal e depois a loja só voltou a abrir em Fevereiro.*

CL: *Em 1979 abriu aqui a Loja Branca. Reflexo do sucesso. Agora mais planeado, talvez com mais espaço... Hoje é considerado um*

espaço da moda elegante. De ontem para hoje como definiria o termo elegância?

MMG: Posso defini-lo como um saber estar que se reflecte em qualquer situação do dia-a-dia que se vive. Relacionado com a moda penso que o termo e o conceito são demasiado restritivos e direi portanto e subjectivamente que "elegância" se concretiza na unidade conseguida entre o que se é e o que se veste.

CL: *Vestir-se todos os dias é um gesto comum. Assume outra importância se escolhido ou condicionado. Condicionado pela moda, naturalmente. E o que é que condiciona, na sua opinião, essa escolha?*

MMG: São diversos factores, mas sobretudo os de ordem económica, os sociológicos e os estéticos.

CL: *Esses condicionantes funcionam sobretudo para quem compra (usa) a moda. Muito menos para quem a faz. Já agora gostaria de saber de si, como interventora na moda, o que pensa da roupa unisexo?*

MMG: Penso que a roupa unisexo não terá tendência para acabar, pelo menos tão depressa. Naturalmente que continua a haver diferenças marcantes entre a roupa masculina e a feminina. Mas trata-se daquele vestuário que pode ser usado indistintamente. Eu também faço peças dessa roupa. Na verdade a roupa masculina não me atrai. É menos criativa. Mas às vezes faço peças para um ou outro homem — só para os amigos — e isso dá-me prazer. No entanto a maior parte dos homens não usaria essas peças. E não usaria porque estão fora dos padrões habituais. Mas voltando ao princípio, a roupa que eu chamo comum, a do dia-a-dia, continuará a ser unisexo.

CL: *Voltando aos condicionantes. Acha que há factores que condicionam a moda, ela mesma?*

MMG: Bom, a moda deveria ser um acto criativo tendo como objectivo a educação do gosto. Se há factores que a determinam eles são de ordem vária, mas prioritariamente os que já referi para quem usa a moda.

CL: *No seu trabalho, gosta de o fazer sozinha ou prefere trabalhar em equipa?*

MMG: Sozinha. Gosto de ter tudo nas mãos. O desenho, o tecido, tudo do princípio ao fim. Tudo menos vender, porque não gosto de vender.

CL: *Da ideia sai o desenho, dele o modelo e por aí adiante. Há provavelmente uma disciplina própria?*

MMG: Não tenho nenhuma disciplina em especial nem horas marcadas para trabalhar. As melhores ideias chegam de uma forma geral quando estou de férias o que acontece normalmente antes das duas colecções anuais. Nessa altura é tudo mais claro. Mas todos os dias de uma forma ou de outra trabalho nas minhas ideias, seja a fazer desenhos ou a procurar tecidos ou simplesmente preocupando-me com os pormenores da execução.

destaque

CL: E em que medida é que há improviso na criação?

MMG: Penso que não há improviso (como expressão pura) na criação. Admito a existência de improviso na criação se for de tal maneira elaborado que na sua forma última seja completamente consistente, isto, é acabado.

Pode na verdade surgir um traço imprevisto, mas ele não é significativo. Depois acaba por ser de tal forma trabalhado que não assume a importância fora da obra total. Mas penso que não há propriamente improviso.

CL: Fazer roupa que outros escolhem, que outros vestem... Quais são as suas propostas?

MMG: Não direi que há propriamente uma proposta naquilo que faço. Há no entanto uma preocupação de conseguir agradar-me e agradar às pessoas que procuram o que eu faço. Digo-lhe mais, estou sempre ligada aos modelos que idealizo. Não consigo fazer nada que de antemão me não agrade. É evidente que uns correspondem melhor e outros menos bem. Mas é assim. De uma forma geral, gosto de tudo quanto faço. Ligo-me muito aos modelos porque não seria capaz de oferecer (vender neste caso) coisas de que não gostasse. Posso até dizer que é quase uma questão afectiva.

Quem trabalha por gosto.... Manter tanta determinação não é muito fácil sobretudo se tivermos em conta que a Maria Manuela Gonçalves apresenta regra geral 300 modelos por ano. Modelos divididos pelas colecções Outono/Inverno e Primavera/Verão. Trabalho maior ainda porque se estende ao cuidado dos materiais e da execução de cada obra.

CL: Para si, o êxito é importante?

MMG: Concerteza que é. Porquê? Oh, por tudo!!!

CL: A quem dirige a sua roupa?

MMG: Não há um público específico nem a nível de classe social, nem tão pouco a nível de idades. É claro que tenho clientes certos e esses procuram sempre as novas colecções. No entanto todos os dias entra na loja gente desconhecida. Claro que nem toda a gente tem disponibilidades económicas para comprar modelos únicos todos os dias. Mas há pessoas que me compram uma peça de vez em quando. Estas diferenças de público agradam-me muito. Tão depressa é uma adolescente que veste uma blusa como uma senhora de 60 anos que compra um vestido. É bom.

CL: Um trabalho assim tem grandes exigências de actualização. Não é verdade?

MMG: A actualização, o arejamento consigo-o através dos livros, das revistas e sobretudo das viagens. Que cidades visita? Sobretudo Paris. Sim, é com a moda parisiense que mais me identifico. Penso que sempre foi assim. É sempre renovada e cheia de imprevisto.

CL: Chegou o momento: Vanguarda? "Vanguarda" o que é?

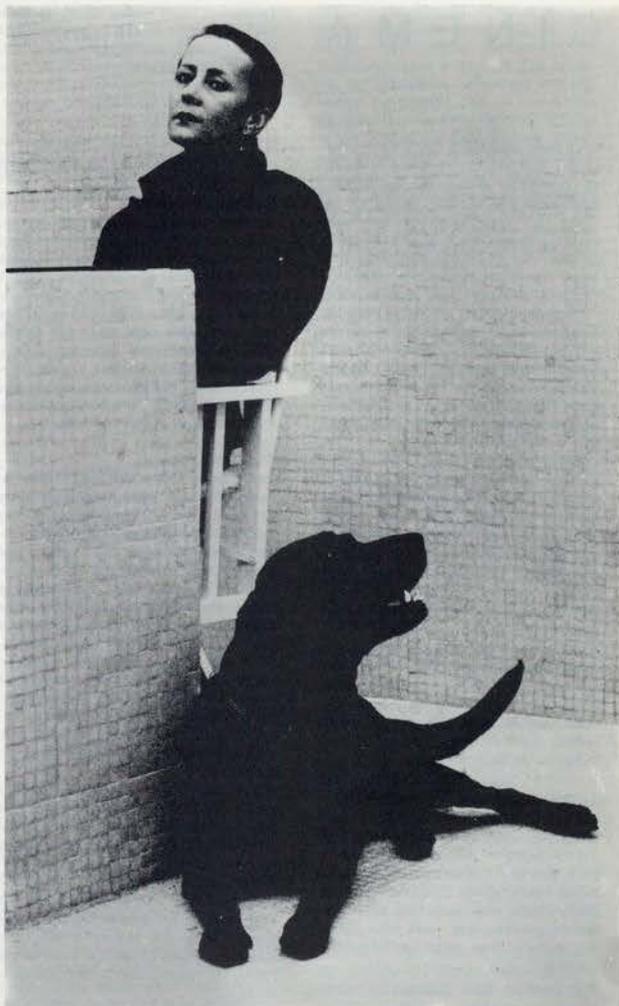
MMG: Vanguarda será o que precede a sua época em audácia? Bom, de qualquer maneira acho que cada pessoa poderá ter a sua vanguarda. É tudo.

CL: Por falar em pessoas, tem facilidade em se relacionar?

MMG: Não, não tenho facilidade nenhuma. Primeiro porque penso que sou um pouco tímida e em segundo lugar porque as pessoas que conheço já me chegaram...

CL: Sem relações fáceis e sem um trabalho que se considere de "consumo fácil" como é que se situa no esquema da moda portuguesa?

MMG: Para já não há moda portuguesa, como criação, nem tão depressa haverá. Há sim pessoas que fazem coisas novas. Mas é muito difícil a vários níveis. De há uns anos a esta parte as pessoas vestem de maneira diferente. O seu aspecto geral alterou-se, para melhor. Há mais flexibilidade na escolha talvez porque a roupa é mais variada. Provavelmente isto acontece porque as pessoas dispõem de mais meios de informação sobre o que se usa ou não usa, embora essa informação por vezes não seja a melhor ou mais conveniente.



MARIA MANUELA GONÇALVES FOTOGRAFADA POR MÓNICA FREITAS

Mas não há moda em Portugal porque não há quem a crie. Os poucos estilistas que existem não são aproveitados pelos industriais da confecção e por outro lado também não temos cursos de estilistas (fashion designers). É um ciclo vicioso difícil de ultrapassar. Desta forma as pessoas limitam-se portanto a consumir o que lhes é oferecido. E a verdade é que não há qualquer critério na roupa de série. É a essa roupa que as pessoas estão limitadas.

CL: Uma pausa. De um assunto sério para outro (menos) sério. É capaz de guardar um segredo?

MMG: (muito depressa) Depende da hora! (gargalhada). A sério, acho que sim.

CL: Há uma pergunta que eu gostaria de fazer à estilista ou à mulher que vive o quotidiano. Quais são as máquinas que gosta mais?

MMG: (pausa, surpresa???) E de repente Olhe, as de gelo e as de "cariocas".

A Teresa Rodo uma vez mais: "Ela anda sempre a pedir gelo para pôr em tudo e depois nem sequer bebe cafés. As máquinas são um horror, não é?"

A entrevista vai acabar. Está na hora de fechar a Loja Branca.

CL: Maria Manuela o que faz ao dinheiro?

MMG: Muitas vezes perco-o.....

Rui Santana Brito

CINEMA

O Outono chegou e, com ele, começaram também timidamente a surgir os primeiros filmes da temporada. Para além dos grandes êxitos de bilheteira que continuam em cartaz — prova de que um sucesso público não é necessariamente sinónimo de filme a que os cinéfilos "torcem o nariz" (se exceptuarmos "Uns e outros", a última salada Leouchiana que continua, quase há um ano, a embalar corações ternos e cabeças ocas dessa cidade), Lisboa apresenta já vários filmes dignos de uma visão atenta. Se quiser ver bom cinema, a sua escolha poderá recair em:

NOITES ESCALDANTES.

O "film noir" recriado por Lawrence Kasdan, o argumentista de "O império contra ataca" e "Os saltadores da arca perdida", que assina aqui a sua primeira obra. Um filme denso e envolvente, um actor, William Hurt (que já viramos em "Viagens Alucinantes", de Ken Russell), que irá certamente dar muito que falar. *Body Heat*. E.U.A., 1981. Real.: Lawrence Kasdan. Int.: William Hurt (*Ned Racine*), Kathleen Turner (*Matty Walker*), Richard Crenna (*Edmund Walker*), Mickey Rourke (*Teddy Lewis*), Ted Danson (*Peter Lowenstein*), Lanna Saunders (*Roz Kraft*).

ANOS DE CHUMBO

No seu primeiro filme exibido comercialmente entre nós, Margarethe von Trotta segue o itinerário de duas irmãs, desde a infância e adolescência numa rígida família protestante, até à idade adulta e às duas vias aparentemente opostas que cada uma delas segue para lutar pelos mesmos objectivos.

Die bleierne Zeit. Alemanha, 1981. Real.: Margarethe von Trotta. Int.: Jutta Lampe (*Juliane*), Barbara Sukowa (*Marianne*), Rüdiger Volger (*Wolfgang*), Doris Schade (*a mãe*), Franz Rudnick (*o pai*).

A GUERRA DO FOGO

Ou a vingança do cineasta Jean-Jacques Annaud, após dois primeiros filmes fracassados: "Pretos e brancos a cor" e "Golpe de cabeça". Os primórdios da humanidade e a luta pela posse do fogo, símbolo de poder e supremacia.

La guerre du Feu/Quest for Fire. França/Canadá, 1981. Real.: Jean-Jacques Annaud. Int.: Everet Mc Gill.

NIJINSKY

A vida e carreira de Nijinsky retratada sem muito brilho mas sem cair demasiado nos "clichés" inevitáveis nos filmes biográficos.

Nijinsky. E.U.A., 1980. Real.: Herbert Ross. Int.: George de la Peña (*Nijinsky*), Alan Bates (*Diaghilev*), Leslie Browne (*Romola de Pulsky*), Alan Badel (*Barão Gunzberg*), Carla Fracci (*Tamara Karsavina*), Jeremy Irons (*Fokine*), Colin Blakely (*Vassili*), Janet Suzman (*Emilia Marcus*).

Não perca também a retrospectiva dedicada à obra de Luis Buñuel, organizada pela Cinemateca Portuguesa e pela Fundação Calouste Gulbenkian, a decorrer na sala Félix Ribeiro e no Grande Auditório da Fundação. Anunciados para breve estão alguns filmes importantes para os quais chamamos desde já a atenção: "A sau-

dade de Veronika Voss" de R.W. Fassbinder; "Andrei Rubilov", de A. Tarkovsky; "Out of the blue", de Dennis Hopper; "A Mid-Summer Night Sex Comedy", de Woody Allen e "Di-va" de J.J. Beineix.

UMA REALIZADORA: MARGARETHE VON TROTTA

Nascida em Berlim, a 21 de Fevereiro de 1942. Estudos de filologia alemã, de línguas e literaturas românicas em Munique e depois em Paris. Estuda arte dramática em Munique. Teatro em Dinkelsbühl, Stuttgart e Frankfurt. A partir de 1968, interessa-se quase exclusivamente pelo cinema e televisão. Nos anos mais recentes, revela-se como argumentista e colaboradora directa do marido, o realizador Volker Schlöndorff, iniciando paralelamente uma carreira de realizadora.

FILMOGRAFIA:

Como actriz: 1968: *Schräge Vögel* (de Custav Ehmck). 1969: *Brandstifter* (de Klaus Lemke); *Baal* (de Volker Schlöndorff); *Götter der Pest* (de Rainer Werner Fassbinder). 1970: *Der amerikanische Soldat* (de R. W. Fassbinder); *Warnung vor einer heiligen Nutte* (de R. W. Fassbinder); *Der plötzliche Reichtum der armen Leute von Kombach* (de V. Schlöndorff). 1971: *Die Moral der Ruth Halbfass* (de V. Schlöndorff). 1972: *Strohfeuer* (Fogo de palha, de V. Schlöndorff). 1973: *Übernachtung in Tirol* (de V. Schlöndorff). 1974: *Une invitation à la chasse* (Telefilme de Claude Chabrol); *Georgina's Gründe* (de V. Schlöndorff); *Das andechser Gefühl* (de Herbert Achternbusch). 1975: *Der Atlantikschwimmer* (de Herbert Achternbusch); *Der Fangschuss* (Golpe de misericórdia, de V. Schlöndorff).

Como argumentista: 1970: *Der plötzliche Reichtum der armen Leute von Kombach*; 1972: *Strohfeuer* (Fogo de palha); 1975: *Die verlorene Ehre der Katharina Blum* (A honra perdida de Katharina Blum, de Volker Schlöndorff).

Como realizadora: 1978: *Das zweiten Erwachen der Christa Klages*; 1979: *Swertern, oder die Balance des Glücks*. 1981: *Die bleierne Zeit* (Anos de chumbo).

Augusto Sobral

TEATRO

Falar acerca do panorama de uma temporada teatral portuguesa, em Outubro, é como falar de vinhos de colheita, em Agosto, mês que toda a gente sabe, é antes das vindimas, desde o sul até ao norte do País. O mais que é possível adiantar, é se a uva é muita ou pouca, e se o bago é chelo ou mirrado. Ignoro o que terá acontecido com as uvas em Agosto de 1982, mas que em Outubro, nos teatros, o "bago" é mirrado e tardio é desde já uma realidade.

Da qualidade do produto final só depois se poderá falar.

Porque, ia a dizer felizmente, e digo, continua a haver neste país uns esfor-

çados que teimam em não recorrer à fabricação a "martelo", que não seja o de pregar pregos, e acabam por conseguir através de muito trabalho e de alguma cabeça, apresentar ao consumidor-espectador, o espectáculo capaz de lhe reforçar o tónus natural sem as desagradáveis consequências de uma embriaguez doentia.

Ora acontece que por causa da rentabilidade muito elevada dos produtos a "martelo", sem ser o de pregar pregos, e para zelar pela manutenção de sectores de produção com qualidade, vinhos, teatros ou o que quer que seja, houve que recorrer no estado actual das economias do mercado, a uma política de subsídios, cujo significado implica o reconhecimento inevitável de um facto. O objectivo dominante da rentabilidade, acasalado com a reacção da publicidade massiva, tende para o limite de infestar o mundo de zurrapas, vinhos a martelo e outras falsificações similares, que as pessoas consomem por hábito e sem pensar.

Mas será que implica mesmo o reconhecimento deste facto? Uma resposta afirmativa é a única que podemos esperar neste caso.

A laboração teatral de um país, tal como a actividade cultural em geral, não se destina com certeza, à exportação, como pode acontecer com a produção dos vinhos de qualidade, em períodos mais austeros quanto mais não seja.

Claro que pode acontecer, e isso só é desejável, que os espectáculos produzidos num país atinjam renome mundial, que os poetas, ou os escritores, ou os pintores sejam mundialmente célebres e bem cotados, mas antes disso, com certeza e para garantir a boa saúde civilizacional de todas as camadas da sua população, esses mesmos trabalhos, esses mesmos homens, essas mesmas obras, tiveram a máxima difusão sem obstáculos, atingindo depois, ou não, pela medida dos seus talentos, essas outras paragens. Dai que no caso da produção cultural qualquer política de subsídios, vise antes de mais nada, o consumo interno, permitindo a redução do preço de venda a público, no caso do teatro, do bilhete de ingresso no espectáculo.

Mas viveremos nós num país de "conhecedores"? Ou em que ponto do mundo, fica localizada essa "utopia" com uma população tão esclarecida e conhecedora que fareja a "qualidade" e a distingue com a sua escolha, quando ela simplesmente se apresenta diante dos seus olhos?

E que "qualidade" será essa? A de uma rigorosa e clara execução de um modelo classicizado ou a destemida ruptura de forma, em busca do rigor de novos significados? Se tais pressupostos são utópicos, razão pela qual, lhes aludimos interrogativamente, parece que o acesso à "fruição" da "qualidade", não fica resolvido pela redução do custo do produto que tenha essa qualidade, pois numa sociedade assente em valores de produção publicitária, seja para o que for, mesmo aqueles produtos de uso diário, os custos de produção são muito inferiores em comparação com todos os que implicam a sua chegada ao consumidor, embalagem, distribuição, comercialização em geral, completando as campanhas de lançamento do produto. Dirão algumas pessoas indignadas, mas então não estamos a falar de teatro, de arte e de cultura.

E que ninguém se surpreenda se o grau de indignação for inversamente proporcional ao seu interesse por alguma leitura, ou qualquer manifesta-

ção de arte, que é coisa que consome obrigado, por uma imagem social, que deve corresponder à sua promoção, mas que não sabe classificar, não sabe ver, dá-lhe sono, em suma.

A verdade é que a preocupação generalizada de preservação de valores humanos gerais, que surge por antítese do imenso poder tecnológico em sectores especializados, começa a desenharse como um dado novo na história da sociedade dos homens, que realizou sempre no passado, as "aculturas" em cima de ruínas, morticínios e memórias perdidas e reencontradas. Que promover arte ou cultura, não seja apenas esse escavar de ruínas, esse ruminar de memórias perdidas, que têm a grande vantagem de ser o produto de agentes humanos já mortos.

Pois acontece que há agentes culturais vivos, e entre eles os grupos de teatro independentes cuja actividade exige da parte dos seus elementos uma maior persistência e um maior empenho. Nos últimos anos realizaram um trabalho de reencontro com a sociedade em que vivem, criando um público que podem com exactidão designar como seu uma vez que provem de camadas etárias e sociais, nunca antes atraídas pelo teatro que na generalidade se tinha feito em Portugal.

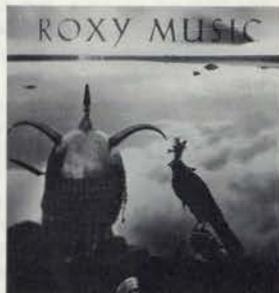
Esse público é constituído por espectadores, verdadeiros espectadores-participantes, uma vez que actua já muitas vezes como grupos de apoio dispostos a encorajar a continuação da actividade em si, independentemente de algum eventual desamparamento.

Mas não se exige tudo dos entusiastas, nem do esforço isolado dos próprios intervenientes, que lutam pelo seu lugar na vida quando por outro lado se encoraja uma forma de viver que rejete o teatro de qualidade. Para já procure ser um conhecedor, informe-se!

Leonaldo de Almeida

MÚSICA

JÁ EDITADOS:



ROXY MUSIC
"Avalon"

destaque



HAIRCUT ONE HUNDRED
"Pelican West"



DAVID THOMAS
& THE PEDESTRIANS
"The Sound of the Sand and
Other Songs of the Pedestrian"

AINDA NÃO EDITADOS:



KID CREOLE & COCONUTS
"Tropical Gangsters"



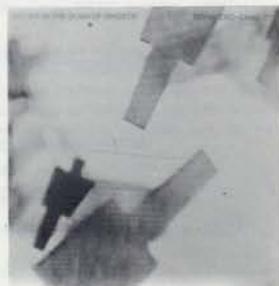
FASHION
"Fabrique"



THE B-52's
"Mesopotamia"



A B C
"The Lexicon of Love"



BRIAN ENO-DAVID BYRNE
"My Life in the Bush of Ghosts"

Rui Sanches

PINTURA

Realismo Norte-Americano Contemporâneo desde 1960. Fundação Calouste Gulbenkian.

Nos últimos três ou quatro anos a pintura tem vindo a ganhar crescente importância nos principais centros produtores (e comerciais) do Ocidente. Esta mudança, e sobretudo o facto de muita dessa pintura poder ser classificada de "figurativa", estar interessada pela narrativa, e ter uma atitude inclusiva em relação à história de arte, foi rapidamente aproveitada por certos sectores mais conservadores da crítica Norte-Americana (nomeadamente o Influente crítico do New York Times, Hilton Kramer) para promover os artistas que vinham defendendo há bastante tempo.

Cooptando as posições dos teóricos do Pós-Modernismo, estes críticos apressaram-se a, por um lado, exaltar triunfalmente que eles bem ti-

nam dito que a pintura não estava morta (tentando estabelecer duvidosas relações geneológicas entre a figuração tradicional e a nova pintura) e por outro lado, a estabelecer paralelos entre os seus protegidos (heróicos depositários do facho da tradição pictórica) e artistas que põem em causa as convenções dessa mesma tradição, através de uma relação extremamente problemática com a história de arte e que têm no fundo muito mais em comum com Picabia ou Man Ray.

É do renovado peso do conservadorismo na arte americana que sai esta exposição que a Fundação Gulbenkian apresenta (é curioso que as duas últimas exposições de arte contemporânea americana organizadas pela Gulbenkian fossem: uma a tentativa de apresentar como a futura arte dos anos 80 um quase academismo neo-expressionista abstracto; a outra este conservador "novo realismo", sem que, no entanto, tivesse passado nas salas da Fundação quase nada do que realmente se passou e se passa na arte americana nos últimos vinte e cinco anos). Além das outras que se enquadravam dentro desta corrente (que são a maioria) aparecem surpreendentemente coisas que pouco ou nada têm a ver com o tal "novo realismo", por muito pluralista que ele seja. Dificilmente se percebe a inclusão nesta exposição de Malcolm Morley, George Segal e vários dos hiper-realistas.

Por muito que Frank Goodyear, Jr. tente no texto publicado no catálogo (tornado quase ininteligível por uma péssima tradução e um número assustador de gralhas), juntar no mesmo saco o interesse materialista dos hiper-realistas na reprodução fotográfica, o expressionismo idiossincrático de Alice Neel, o formalismo de William Bailey, a ironia de Malcolm Morley, a angústia existencial de George Segal e tudo o resto que foi reunido para esta exposição, não há maneira de conciliar posições tão opostas. É surpreendente, e significativo, que sendo o período abrangido por esta exposição de cento e vinte obras, de 1960 a 1981, haja apenas cinco peças da década de 60 (sendo uma de Morley e outra de Segal).

Desta série de equívocos resultou uma exposição de fácil adesão com algumas peças interessantes e um ou outro confronto curioso.

Ficou também a oportunidade de rever alguns hiper-realistas datados, depois de terem na altura feito vibrar muita gente.

(Convém notar que, ao contrário do que fizeram certos jornais de Lisboa, alguns até com supostas responsabilidades culturais, esta exposição não pode ser apresentada nem como exposição de arte Norte-Americana desde 1960 "tout court", nem como nela figurando alguns dos mais importantes nomes da arte Americana actual).

primeira vista — param, recortados num além-tempo feito do seu próprio dextero. Descontextualizados, os objectos exibem-se excessivos na sua nudez — das colunas neo-clássicas à cerâmica branca e discreta dos azulejos, do reposteiro romântico aos painéis de cinema que servem à iluminação, do espelho de talha dourada às estruturas tecnológicas (tubagem de ar condicionado e instalação eléctrica). A proposta é clara e eficaz: o contraste evidencia os objectos e expõe-nos indiscretamente ao olhar; é a operação mágica pela qual os objectos tomam *corpo* e se nos oferecem em *fruição*.

É um lugar descarado, exibicionista e narcísico, espaço natural da auto-complacência a altas horas, que se constrói nesse gesto de rigor: a adequação dos meios aos fins, ou, no caso vertente, do meio-ambiente à função. De *fruir* se trata, ao fim do dia, ao fim da noite, quando finalmente nos podemos abandonar a um espaço visionário de memória e presença e deixar ao corpo, os sentidos, a liberdade do diálogo com os mudos. É um lugar de alguma forma exemplar e sintomático, porque ao agredir estimula, ao rechear acolhe, e propicia uma troca muda e subtil, um vai-vem de sensações que se partilham, e que se fundam num contraditório modo-de-estar.

É um lugar onde se *está* muito, mas onde se *é* muito pouco. Mas também, quem terá pretensões a *ser*, pelas horas mortas da razão, de copo de whisky na mão? Ou melhor: não será, antes, a primeira afirmação de-sadequada e, nessa medida, a posição relativa de *ser* e *estar* na propensão indiferente? Ou melhor ainda, mais explicitamente: não será a *fruição* um *modo-de-estar*? Não será a *fruição* a dimensão *estável* do nosso *ser* em civilização? Ou será ela, precisamente, que nele se suprime, se castra, se recalca? E, se sim porquê?

Sim. A *fruição* deveria ser a dimensão *estável* do nosso *ser*-em-civilização, mas aceitá-lo seria praticar uma utopia unitarista onde se esfumam as fronteiras entre o *dia* e a *noite*, o *fazer* e o *prazer*. E a mera possibilidade de tal utopia, essa, é a medida da *instabilidade* e do *mal-estar* do sistema em que somos inscritos. Porque *fruir* é transgredir. *Fruir* fala apenas do presente, anula o tempo, e, com ele, a noção de progresso sobre a qual assenta a civilização ocidental. Muda-se de civilização! Constitua-se as falanges da *fruição* militante! E já pelas horas perdidas da noite, à esquina de uma rua estreita, se vai juntando o exército para o *pérfido* assalto. Na desfaçatez de um espaço *insólito*, os seus soldados *curtem*.

Mas no curtir se perdem, desatentos às consequências possíveis do seu programa de acção, sem mesmo conhecerem a sua existência e os seus princípios. Presos no tempo, são exemplos modelares de uma coerência inocente.

Na noite de Lisboa há um lugar exacto, meticuloso, feito de memória e presença, um espaço visionário em que se viaja ao presente... Cruzeiro de férias quotidiano, semanal, sem partida nem regresso, para pôr-entre-parêntesis o mar de contradições em que navegamos. A boa viagem nem sempre é garantida, porque as águas profundas por vezes perturbam a calma da superfície, e a embarcação é frágil...

José Ribeiro da Fonte

TEXTOS

COSMOVISÃO FRÁGIL

Na noite de Lisboa há um lugar exacto, meticuloso, onde os objectos — à



RUA DO CONDE, 57
LISBOA · TELEF. 66 12 77

Fotografar
é criar,
conservar,
mudar,
criticar...

ZOOM
ZOOM
ZOOM

Sousa & Fino, Lda.

Av. Fontes Pereira de Melo, 14 A - telef. 54 26 27 - 1000 Lisboa
Rua Nova do Almada, 51 - telef. 32 26 05 / 37 05 95 - 1200 Lisboa

DIRECTOR: Ivânia de Mendonça Gallo

REDACÇÃO: Augusto Sobral
Conceição Lobo
José Ribeiro da Fonte
Leonaldo de Almeida
Maria Oliveira Reis
Rui Sanches
Rui Santana Brito

FOTOGRAFIA: Mónica Freitas
Jaime Laranjeira
António Ventura

GRÁFICO: Luis Chimeno Garrido

RELAÇÕES PÚBLICAS: Fátima Coimbra

IMPRESSÃO: Estúdios Fernando Jorge
Lisboa

FOTOCOMPOSIÇÃO: Focom-Artes Gráficas
Rio Maior

destaque[®]

Título e logotipo de: Ivânia G.
Copyright DESTAQUE-PUBLICAÇÕES, LDA.

Todos os direitos reservados.
Proibida qualquer reprodução
sem autorização do editor.

CORRESPONDÊNCIA, ASSINATURAS E PUBLICIDADE:
DESTAQUE-Publicações, Lda.
Célula 8, Bloco A, Lote 4 - 1.º Dt.º
Carnaxide 2795 LINDA A VELHA

DESTAQUE é uma publicação mensal e pode
ser adquirida ou por assinatura ou em
qualquer dos locais referidos na pág. 14

NOVEMBRO 1982 / n.º1 / 2 000 Exemplares

URANUS, O SEXTO SENTIDO E O ANO 2000

por MARIA OLIVEIRA REIS

Os sentidos são cinco: o tacto, o gosto, o olfacto, a vista e o ouvido. Acredita num sexto? Se acredita, também acredita em Uranus. Naquele terceiro olho.

Quando de repente vemos o que não está à vista, quando descobrimos o que está tapado, quando o silêncio se ouve e quando antes de experimentar se adivinha, Uranus manifestou-se: ou o sexto sentido.

Uranus, claro que existe: descoberto em 1781 por Herschek, trouxe consigo o símbolo da revolução individual/colectiva. Iniciou a industrial. Uma das suas palavras-chaves é: Ruptura. Tem 51 000 km de diâmetro, a sua superfície é gasosa e a temperatura extremamente baixa. Leva 84 anos para dar uma volta completa.

Quando se diz que a vida muda de sete em sete anos, estamos a seguir o ciclo de Uranus que de sete em sete anos, muda de signo. E a vida e as pessoas também: formam-se gerações que exprimem à sua maneira o eterno desejo de liberdade.

SEGUIR URANUS, O PLANETA DO IMPREVISTO, É PRE-VER.

URANUS NO SIGNO DO AQUÁRIO de Fev. 1912 a Jan. 1920

No ano 2000 têm entre 80 e 88 anos; agora têm entre 62 e 70 anos. Sempre prontos a arriscar a mudança social, são todavia, os mais científicos: submetem qualquer tradição ao teste científico. Amam a verdade e praticam o livre-arbitrio. Independência mental. Além de serem os mais científicos também são os mais humanos: não reconhecem nenhum valor superior ao ser humano. Geração que não se conforma nem pretende conservar.

Mal pior: a extravagância.

URANUS NO SIGNO DOS PEIXES de Fev. 1920 a Março 1927

No ano 2000 têm entre 73 e 80 anos; agora têm entre 55 e 62 anos. Curiosidade intelectual virada para o domínio do inconsciente. As pessoas desta época são as mais religiosas. Muitas místicas, algumas profetas. Os típicos clarões de lucidez uraniana vêm através dos sonhos ou de uma forma nebulosa. A meditação e a prática de sistemas de yoga, afecta-os especialmente. O poder para transformar os seus erros mais materialistas do passado, responsabiliza esta geração pelo desenvolvimento efectivo dos valores espirituais.

Mal pior: o escapismo (fuga perante situações desagradáveis).

URANUS NO SIGNO DO CARNEIRO de Abril 1927 a Jun. 1934

No ano 2000 tem entre 66 e 73 anos; agora tem entre 48 e 55 anos. Pode-se dizer que são os mais individualistas e por conseguinte os mais aventureiros: exigem liberdade para agir à sua maneira. Para esta geração, a auto-afirmação é um ponto de honra e são apologistas do poder pessoal. "Sou o que sou", — funciona como lema e nada mais existe. Impõem-se.

Mal pior: o egoísmo.

URANUS NO SIGNO DO TOURO de Jul. 1934 a Maio 1942

No ano 2000 têm entre 58 e 66 anos; agora têm entre 40 e 48 anos. Sem dúvida os mais materialistas. Pretendem revolucionar o campo económico. Esta geração possui especial intuição para lidar com todos os valores materiais. Originalidade nos negócios e transacções. Materialistas mas também os mais conservadores: resistem à mudança. Neste signo, Uranus, planeta da mudança, encontra-se pouco à vontade, em "detrimento". O profundo apego material desta geração, leva-a a só entender as ideias imediatamente concretizáveis. Para eles tudo tem um preço.

Mal pior: a coisificação e a idolatria.

URANUS NO SIGNO DOS GÊMEOS de Jun. 1942 a Jun. 1949

No ano 2000 têm entre 51 e 58 anos; agora têm entre 33 e 40 anos. Percusores de novas maneiras de pensar, interpretam originalmente a realidade: são os mais intelectuais. Especialmente inteligentes (Uranus estava em Gémeos quando foi descoberto), põem em causa os actuais conceitos de educação e comunicação. Nervosos e curiosos, viajam imenso como forma de aprendizagem e de terapia. Fazem a apologia do avião e adoram aeroportos.

Mal pior: o esgotamento ou a depressão nervosa.

URANUS NO SIGNO DO CÂNCER de Julho 1949 a Junho 1956

No ano 2000 têm entre 44 e 51 anos; agora têm entre 26 e 33 anos. O desejo de liberdade satisfaz-se na procura de emoções fortes. São os mais predispostos a experimentar os estados afectivos, os mais emotivos. Geração que dá a maior importância às relações familiares e muito cedo pretendem refazer verdadeiros lares fora de casa. Procuram encontrar o irmão no amigo e sentem-se pal/mãe dos filhos dos outros. São os que põem em causa o conceito de laços de sangue.

Mal pior: infantilismo.

URANUS NO SIGNO DO LEÃO de Julho 1956 a Agosto 1962

No ano 2000 têm entre 38 e 44 anos; agora têm entre 20 e 26 anos. Estes são os que aspiram à liberdade no campo amoroso; são os mais artistas. Esta é a geração cuja especial força sexual pretende alterar os actuais conceitos de arte, música, teatro. Acham-se únicos e acreditam no grande amor, na grande paixão. São inventores no campo da auto-expressão, artística e amorosa. Pretendem a autoridade mas põem como condição que seja criativa e capaz de despertar admiração e fervor.

Mal pior: prepotência.

URANUS NO SIGNO DA VIRGEM de Set. 1962 a Set. 1968

No ano 2000 têm entre 32 e 38 anos; agora têm entre 14 e 20 anos. Por natureza uraniana, dotados de excepcional capacidade de controlo psíquico e físico, — são os mais eficientes. Muitos aspiram à transformação repentina dos métodos de trabalho e quase todos exigem serviços de utilidade pública efectivamente funcionais. Alguns sonham com a perfeição técnica. O inato controlo físico reflecte-se num profundo interesse por todos os assuntos relacionados com o corpo: saúde, hábitos alimentares, medicina, dieta, higiene e desporto.

Mal pior: a robotização.

URANUS NO SIGNO DA BALANÇA de Out. 1968 a Set. 1975

No ano 2000 têm entre 25 e 32 anos; agora têm entre 7 e 14 anos. Doce, é o nome que melhor se aplica a esta geração: são os mais sociais. Originalidade uraniana nas formas de comportamento e relação social. Interdependência. São os futuros candidatos à mutação no direito contractual. Originalidade nas relações conjugais, revolução no casamento. Geração em que predominam os valores (energia) feminina. Espera-se que sejam estes os destinados a resolver o conflito feminismo/machismo que atingiu o auge nestes anos.

Mal pior: o parasitismo.

URANUS NO SIGNO DO ESCORPIÃO de Out. 1975 a Nov. 1981

No ano 2000 têm entre 19 e 25 anos; agora têm entre 7 e 1 ano. Época que marca a destruição final da era dos Peixes como preparação para a era do Aquário. Dotados por natureza de especiais poderes psíquicos, possuem a capacidade para desvendar as aparências e as "fachadas". Estes são os que sistematicamente desmascaram. Pretendem a verdade por pior que seja. São os mais autênticos. Muitos justicheiros, alguns terríveis como anjos. Encaram a destruição como um mal necessário para a reconstrução. Por princípio não admitem compromissos na luta que travam contra a mentira e a hipocrisia. Extremamente activos, acreditam na acção decisiva e não toleram qualquer forma de preguiça.

Mal pior: o terrorismo.

URANUS NO SIGNO DO SAGITÁRIO de Dez. 1981 a Nov. 1988

No ano 2000 têm entre 12 e 19 anos; agora alguns ainda não nasceram. Como reflexo da sua época, esta geração é portadora de novos conceitos filosóficos e morais: são os mais evolucionados. Muito metafísicos. O sexto sentido uraniano revela-se no poder para transformar os sistemas de crenças (dogmas), os ritos, o sagrado. Pretendem alterar o próprio espírito da lei, rever a História e todo o conhecimento superior. Dotados de uma noção cósmica de espaço e tempo, podem romper efectivamente as fronteiras humanas, geográficas, raciais e linguísticas. Põem em causa o direito internacional e o princípio das nacionalidades.

Mal pior: o snobismo.

URANUS NO SIGNO DE CAPRICÓRNIO de Dez. 1988 a Jan. 1996

No ano 2000 têm entre 4 e 12 anos. Geração pronta a efectuar mudanças drásticas nas estruturas do Poder. Sexto sentido que incide nos fenómenos de estruturação: são os mais políticos. Pretendem a originalidade na acção governativa. Manipular e controlar as situações é para eles um jogo, matemático.

Mal pior: a friidadez.

UMA NOITE



ARO.TO MAURÍCIO DE VASCONCELOS E ANA



MANECOS E EUGÊNIA DE MELO E CASTRO



FILIPE ANDRÉ GOMES E CRISTINA RUAS



ANTÔNIO PEDRO DE VASCONCELOS E PEDRO MARTINS



NATÁLIA PAULA DE CARVALHO E NUNO CARINHAS



SÉRGIO POMBO

FOTOGRAFIAS DE ANTÔNIO VENTURA

LOCALS DE VENDA UMA NOITE

destaque



LOJA BRANCA



praça das flores 48ª tel. 609028